



**A RELEVÂNCIA DA
PRÁTICA DA *MISSIO DEI* NO
CONTEXTO ACADÊMICO**

***PRATICAL PERSPECTIVE OF *MISSIO DEI*
IN THE ACADEMIC CONTEXT***

Vera Lúcia Barreto Motta ⁵²

⁵² Doutora em Administração pela UFPB. Mestre em Administração pela UFPB. Bacharel em Administração pela UFPB. Bacharel em Teologia pela FTSA.

RESUMO

Este artigo é uma perspectiva de como docentes e discentes cristãos podem praticar a *Missio Dei* em instituições de ensino superior, onde a fé é relegada a segundo plano, face a natureza secular do ambiente acadêmico. Tendo como base uma pesquisa bibliográfica com renomados autores cristãos, na visão da *Missio Dei* e da Missão Integral, onde o próprio Deus Criador enviou o seu Filho com o propósito salvífico e redentor da humanidade, e os cristãos devem continuar essa missão. A nova moralidade do “politicamente correto” tem influenciado a juventude no mundo inteiro e no Brasil, com ideologias contrárias a Palavra de Deus, o que tem limitado e intimidado o viver cristão na academia. Foi feita uma breve retrospectiva histórica da atuação do cristianismo na educação, e apresentado um modelo de integração da fé com o aprendizado nas universidades públicas norte-americanas (ALVIM, 2014) e como esse modelo pode ser adaptado no Brasil em qualquer instituição de ensino superior, onde os cristãos docentes e discentes através de pesquisas e outras atividades acadêmicas, poderão atuar, com liberdade de pensamento, sobre temas de fé, de acordo com as normas praticadas na academia, cuja autonomia delegada por seus pares, garante essa oportunidade.

PALAVAS-CHAVE

Cristianismo. Missio Dei. Academia. Fé.

ABSTRACT

This article is a perspective of how Christian university professors and students can practice the *Missio Dei* in higher education institutions where the faith is relegated to a secondary place, in the face of the secular academic environment. Based on a bibliographic research with renowned Christian authors, in the *Missio Dei* and Integral Mission vision, where the Creator God Himself sent His son with a salvific and redemptive purpose for the humankind, and Christians should continue this mission. The new morality of the “political correctness” has influenced young people around the world and also in Brazil, with ideologies contrary to the Word of God, which has limited and intimidated Christian living in the Academy. A brief historical retrospective of the Christian

practice in education was made, and presented a model of the integration of faith with learning in North American public universities (ALVIM, 2014) and how this model can be adapted in Brazil in any higher education institution, where Christian university professors and students through researches and other academic activities, can act with freedom of thought about themes of faith, in accordance with the standards practiced in the academy, whose delegated autonomy by its peers guarantees this opportunity.

KEYWORDS

Cristianity. Missio Dei. Academy. Faith.

1. INTRODUÇÃO

Missão é o agir de Deus, por isso, como ator central da Bíblia – tanto no Velho quanto no Novo Testamento, existe uma associação perfeita entre os seguintes aspectos: A origem da missão: Cristo – o Deus Encarnado, foi o primeiro missionário enviado pelo Pai; O propósito da missão: Deus através de Jesus, restaurando o homem e trazendo para ele paz, consigo mesmo, com os outros e com a criação; O alcance da missão: não somente para os judeus, povo escolhido e destacado no Velho Testamento, mas também para os gentios e os marginalizados pela sociedade; O instrumento da missão: a Nova Aliança através de Cristo contempla os eleitos por Deus de todas as raças, tribos e nações; o local da missão: quando Jesus afirmou que “O campo é o mundo” e que “o reino de Deus é chegado”, demonstrou que o Reino de Deus foi iniciado, trazendo uma mensagem complementar à Lei, mas priorizando de forma inclusiva e benéfica a todos que esperavam o ápice da história. Nesse contexto, forças atuam tentando impedir a concretização e implantação desse Reino. A dinâmica da missão: o Espírito Santo atuando desde o Pentecoste, impulsionou a Igreja Primitiva à ação missionária, levando a mensagem da Revelação de Deus – o seu Filho - que viveu, foi crucificado e morto, mas ressuscitou e um dia voltará para restaurar todas as coisas.

O Pacto de Lausanne (1974) proporcionou uma nova visão do evangelismo e do *modu vivendis* dos cristãos, tendo efeitos benéficos e motivadores para a missão, em consonância com a *Missio Dei*, ressaltando que todos os cristãos são chamados a participar da missão de Deus, como afirma Padilla (2009) uma missão que tenha um alcance local, um alcance regional e um alcance mundial, devendo começar na nossa própria cidade (Jerusalém) e em todos os campos de ação do cristão: "... em casa, na empresa, no hospital, na universidade, no escritório, na oficina...Enfim, em todo lugar, já que não há lugar que esteja fora da soberania de Jesus Cristo." (PADILLA, 2009, p. 19).

Menezes (2006, p. 227) diz que o cristão deve demonstrar uma conduta ética, humana e que busca a justiça e a paz, em meio ao ambiente hodierno de mundanismo assoberbado, materialismo crescente e consumismo exagerado, devendo ser um referencial para a prática da missão integral no *campus* universitário. Para viver e proclamar o evangelho, há necessidade de vida com testemunho cristão, com compromisso e envolvimento pessoal com Deus e sua Palavra, e conseqüentemente com esforço para transformar a realidade na qual está inserido, bem como aproximar-se das pessoas a quem se quer alcançar.

2. MISSIO DEI E A RELEVÂNCIA DA INTEGRAÇÃO DO CORAÇÃO E DA MENTE NO CUMPRIMENTO DA GRANDE COMISSÃO

Teologia era o principal curso das universidades medievais, as quais nasceram e cresceram a partir das bibliotecas dos mosteiros e escolas formadas nas grandes catedrais onde teologia era central. O propósito da teologia na educação monástica era prover não apenas simples informação acerca de tópicos teológicos, mas preparar as pessoas para contemplar e conhecer a Deus.

Infelizmente em muitos círculos evangélicos ao redor do mundo, há um tipo de anti-intelectualismo que despreza o papel do intelecto na nossa formação espiritual. Algumas vezes qualquer expressão de "intelectualismo" é simplesmente refutada nestes círculos, porque o ser "intelectual" é considerado o oposto de ser

“espiritual”. Em geral, o “fazedor” ou “prático” é colocado em oposição ao “pensador” e assim, para muitos não é possível ser um pensador e uma pessoa espiritual ao mesmo tempo. O mais importante nesta questão é saber que:

A realidade que Deus tem falado significa que o intelecto realiza um papel integral no processo revelatório. Revelação, em outras palavras, é objetivo, conceitual, inteligível, e coerente. Contudo, o Cristianismo, longe de ser um escape da racionalidade, é orientado em direção ao intelecto. ([STANLEY J. GRENZ](#), 1993, p. 68).

Há algumas razões legítimas para esta atitude suspeita em relação à educação teológica em círculos evangélicos, porque há verdadeiramente um “intelectualismo doentio” que faz com que alguns teólogos se tornem pessoas destituídas e despojadas de qualquer senso de praticidade e com uma atitude de arrogância em relação às pessoas que não são tão “sábios” ou “intelectuais” quanto eles.

Por muitos anos tem havido uma descontinuidade entre os campos da educação teológica, da espiritualidade, e das situações da vida real e prática. Devemos encorajar um Cristianismo vibrante que “afirma a primazia da santidade pessoal, e a importância da integração espiritual e intelectual em todas as esferas da vida”⁵³

Dr. James Houston, fundador do Regent College, diz que:

Nós não podemos ter uma piedade apropriada sem uma saudável teologia, e nós também podemos reconhecer que não pode haver uma teologia saudável sem uma apropriada piedade... Acima de toda busca por diplomas ou qualquer tipo de curso teológico, devemos buscar a transformação do coração, que é o coração da verdadeira educação teológica. Por que se a nossa vida não é transformada podemos ir embora com

⁵³ *Regent College Website, http://regent-college.edu/about_regent/introduction/history.html, 2006.*

as melhores notas, mas teremos verdadeiramente falhado na experiência teológica de conhecer Deus.⁵⁴

Oliva (2006) revela que:

O fato de Deus ter enviado seu Filho Amado ao mundo por amor e solidariedade para com o gênero humano (missão de Deus), exige uma resposta de sua igreja de também agir com o mesmo amor e solidariedade para com a humanidade. Estas ações da igreja precisam ser adequadas ao tempo e ao espaço que tem ocupado no mundo contemporâneo, o que significa que ela deve se preocupar em contextualizar cultural e socialmente suas formas de ação (missões). (OLIVA, 2006, p. 1).

Gostaríamos então de apresentar dois modelos históricos de homens que viram a educação teológica como fundamental e relevante no cumprimento da grande comissão.

2.1. A INTEGRAÇÃO DA MENTE E CORAÇÃO NA VIDA E ENSINO DE JONATHAN EDWARDS

Jonathan Edwards é considerado o maior teólogo Norte-Americano de todos os tempos. Ele tem sido admirado largamente como filósofo, teólogo, pastor e contemplativo. Ele foi a pessoa que era por causa de uma vida disciplinada. George M. Marsden, o maior biógrafo da vida de Jonathan Edwards, escreveu acerca dele que “Disciplina era parte de um constante, heroico esforço de fazer da sua vida um tipo de Cristo... grandes quantidades de esforços foram direcionados no intuito de conhecer os caminhos de Deus.”⁵⁵

Edwards viu seus estudos como uma disciplina espiritual que “não era divorciada das muitas horas que ele também gastou em adoração formal diante de Deus. Ao invés disso, seus estudos eram um outro tipo de adoração...era uma atividade como a

⁵⁴ James Houston, *Theological Education as Spiritual Formation, Introduction to Christian Studies*, (Vancouver: Regent College, 1985), Fita Cassete.

⁵⁵ George M. Marsden, *Jonathan Edwards: A Life* (New Haven: Yale University Press, 2003), p. 133

oração ou relação familiar.”⁵⁶ A maior parte do seu tempo foi gasto em estudar, cerca de treze horas por dia. “Ele podia facilmente preencher um dia com disciplinas espirituais e atividades intelectuais.”⁵⁷ Para alcançar esse alvo de manter uma disciplina pessoal ele levantava entre quarto e cinco da manhã diariamente. Ele estudava as Escrituras diariamente cercado de comentários bíblicos, e muito do seu trabalho foi compilado em quatro grandes livros de anotações intitulados de “Anotações das Escrituras.”⁵⁸

Em síntese, para Edwards não havia diferença entre trabalhar, estudar, pregar, orar, ou estar com sua família. Olhando sob esta perspectiva, ele nunca separou ou compartimentalizou sua vida entre o que chamamos de “secular” e “espiritual”, pois para ele “ao longo do dia o seu alvo era permanecer constantemente com um senso de viver na presença de Deus”.⁵⁹ Tudo era tão bem “integrado na sua vida, que o que ele fazia era fruto de quem ele era.”⁶⁰

2.2 A INTEGRAÇÃO DA MENTE E CORAÇÃO NA VIDA E ENSINO DE DIETRICH BONHOEFFER

Em 1933, Dietrich Bonhoeffer, aceitou o convite da igreja de Confessional Alemã em Londres para assumir um Seminário clandestino e “ilegal” em Pomerania, na Alemanha, para que ele pudesse formar ministros jovens. Primeiro ele ficou perto de uma pequena vila chamada de Zingst nos Bálticos, e depois no interior na pequena cidade de Finkenwalde. Bonhoeffer compartilhou sua vida e pensamentos com um grupo de vinte e cinco jovens seminaristas. Como fruto dessa caminhada, ele escreveu um livro intitulado, “life together.”

O seminário de Finkenwalde combinou um robusto programa teológico com uma vida comunitária que se tornou relativamente único e singular no Protestantismo como um

⁵⁶ *Ibid.* p. 432 & 473

⁵⁷ *Ibid.*, P. 102

⁵⁸ *É possível que de 1730 a 1758 Edwards possa ter escrito dez mil itens ou em média mais que um escrito por dia, somente na sua coleção. Citado em Marsden, P. 474*

⁵⁹ *Marsden, P. 133*

⁶⁰ *Marsden, P. 10*

modelo de integração entre coração e mente no mundo acadêmico. Finkenwalde, era um pequeno seminário dedicado ao treinamento de jovens e voltado, para uma integração entre companheirismo e solitude, estudo e adoração, palavra e silêncio, oração intercessória e serviço. Brian Williams diz que o investimento de tempo e energia de Bonhoeffer no sentido de contribuir para o aprendizado e a formação espiritual dos seus estudantes foi notável e memorável:

A comunidade gastava muitas noites em discussões teológicas, oração, e adoração... caminhando juntos e tocando músicas juntos... Bonhoeffer reconheceu que investindo na formação destes estudantes mesmo além das salas de aula, ele poderia fazer florescer neles uma consciência da necessidade de compartilhar suas vidas com outros.⁶¹

Nossa tarefa é similar à de Bonhoeffer.

3. A NOVA MORALIDADE

A nova moralidade, tem levado a humanidade a uma imposição daquilo que chamam de “politicamente correto” o que tem desencadeado o crescimento do ateísmo, da falsa justiça social, e outros pensamentos críticos que dificultam o viver pela fé. Na área profissional isso é evidente e ainda mais evidente na prática acadêmica, onde a maioria dos estudantes são jovens, que se deixam envolver pelas novas idéias e filosofias, principalmente pela falta de uma educação religiosa. Por outro lado, segundo Venâncio (2012) está surgindo uma nova geração, desiludida com o fracasso do comunismo, que demonstrou a sua falsa filosofia nos países onde foi implantado, porque além de autoritário, esse regime levou ao aumento da pobreza, crueldades e mortes, falta de liberdade, da livre iniciativa e de outros aspectos. O preocupante é que estamos no auge de uma mudança perigosa.

[...] estamos vivendo, na maior parte do mundo ocidental, um comunismo mais ‘camaleônico’, diluído na

⁶¹ **Brian Williams, *The Potter's Rib: Mentoring For Pastoral Formation*, Vancouver: Regent College, 2005, p. 246**

cultura. (...) Enquanto no comunismo tradicional as igrejas cristãs eram a grande vilã do regime por recusarem-se a colocar os conteúdos da fé a serviço da ideologia, no marxismo cultural o grande obstáculo para a criação do 'paraíso' socialista passou a ser, além das igrejas, o cristianismo infuso na cultura... (VENÂNCIO, 2012, p. 151).

Essa "cultura camaleônica" tem provocado uma onda de ênfase no amor, na justiça contra a violência, na preocupação com os marginalizados, porém o objetivo ainda é o mesmo: uma sociedade utópica. Venâncio (2012, p.152) afirma que "o marxismo cultural destrói a moralidade tradicional e esse mesmo direito, preparando a sociedade para a aceitação plena de um moralismo perverso, ditatorial e utilitarista."

Para Venâncio (2012), nessa nova moralidade, há sempre a dualidade do politicamente correto: os pobres são explorados pelos ricos, os negros são oprimidos pelos brancos, as mulheres são oprimidas pelos homens, os filhos são oprimidos pelos pais, os homossexuais são oprimidos pelos heterossexuais homofóbicos. Sempre a antiga luta de classes, sem levar em consideração os valores cristãos advindos do judaísmo (Velho e Novo Testamentos) que demonstram amor, justiça, misericórdia e cuidado com as pessoas, e que promovem o bem a quem precisar. Há nessa nova moralidade o engano de uma sociedade independente dos valores tradicionais, porém centrada nos valores de uma nova consciência de grupo com unidade de pensamento.

Assim, forma-se uma cultura de tribo: é a 'tribo' que define a identidade de cada um no grupo, e qualquer ameaça de fora é tratada da mesma forma com que a tribo selvagem cuidava das ameaças: o mecanismo do bode expiatório. (...) o pensamento politicamente correto se apresentaria precisamente como uma nova religião (sempre negada como tal), com sua moral gestada no ventre da divisão marxista da '*luta de classes*'. A redenção consiste nisso: a classe 'boa' precisa exterminar (fisicamente no comunismo, ou social e juridicamente, no marxismo cultural) a classe 'má', em prol da utopia de uma sociedade totalmente uniformizada. (VENÂNCIO, 2012, p. 155)

Essa ideologia é uma tendência mundial, e no Brasil tem surgido leis e projetos com temas polêmicos como a homofobia, a lei da palmada, defesa do aborto, sexualidade infantil, etc. que demonstram claramente essa influência, porém contrária aos ensinamentos da Palavra de Deus. Nesse contexto, cabe uma missão aos docentes e discentes cristãos: de demonstrar o valor da fé, sabendo que mesmo sendo considerado “um alienado” e não pertencente a essa tribo, seus valores são eternos, e quem quiser pode também ter essa paz que o mundo não pode dar.

4 CRISTIANISMO E EDUCAÇÃO

A história do cristianismo tem revelado a participação dos cristãos na educação. O pioneirismo educacional dos Congregacionais é destacado por Gomes (2017, p. 201): “A escola pública mais antiga que tem funcionado nos Estados Unidos da América foi fundada pelos Congregacionais em 1635.” Em 1636 os Congregacionais fundaram o *Harvard College*, com o objetivo inicial de servir como um centro de treinamento para futuros pastores. Posteriormente, tornou-se a Universidade de *Harvard*, numa homenagem ao pastor John Harvard da *Igreja Congregacional em Charleston*, que doou a sua biblioteca e metade dos seus bens para a instituição. Da mesma forma, em 1701, fundaram a Universidade de *Yale*, que havia sido o *Collegiate School*, com o mesmo propósito do *Harvard College*.

Menezes (2006) faz um breve histórico de alguns movimentos cristãos na academia, ressaltando que a história das universidades no mundo ocidental está diretamente atrelada ao cristianismo, e as grandes mudanças históricas que sacudiram a igreja e as nações, e que tiveram sua origem no meio universitário. Desde os pré-reformadores como João Wycliffe (1328-1384), estudante, padre e professor em Oxford, que fez oposição aos dogmas e outras doutrinas da Igreja Católica, inclusive a autoridade do Papa, em 1378, quando escreveu num dos seus livros que “Cristo e não o Papa era o chefe da igreja”, e que a Bíblia e não a Igreja era a única autoridade para o crente, conforme o padrão da Igreja do Novo Testamento. Um dos seus feitos mais importantes foi a tradução do Novo Testamento para o inglês, e a criação de um grupo de pregadores leigos – os Lollardos, que

continuaram a pregação do evangelho por toda a Inglaterra, até serem condenados à pena de morte, em 1401. Mas, os frutos desse trabalho, foram evidentes, quando estudantes da Boêmia foram para a Inglaterra, e conheceram as ideias de Wycliffe, e ao retornarem para sua terra natal, levaram a mensagem evangélica, influenciando seus compatriotas.

João Huss (1373-1415), estudou e lecionou na Universidade de Praga, quando adotou a doutrina de Wycliffe, tendo o mesmo propósito de reformar a Igreja em sua região, foi considerado inimigo do Papa, condenado à morte e queimado após ter se negado a retratar-se perante o Concílio de Constança (1415). O relato histórico chega à Reforma, o grande evento da história do cristianismo, que começou no ambiente acadêmico, como relata Menezes, in Kohl e Barro (2006):

[...] nasceu num contexto de labor estudantil. Foi na Universidade de Wittenberg, na Alemanha, que o monge e professor de teologia Martinho Lutero iniciou seus estudos da Bíblia em suas línguas originais, e se deu conta de que somente à Palavra de Deus poderia ser conferida legítima autoridade. Nesse mesmo local (...) havia professores e alunos, juntos aceitaram o chamado a exercer a fé que tão logo, sem mesmo ser premeditado, se espalharia por toda a Alemanha, especialmente a partir do marco da Reforma, o qual se deu por meio da fixação das 95 teses de Lutero na porta da igreja do Castelo de Wintenberg, em 1517, e culminou em sua exoneração e expulsão da Igreja Católica. (KOHL; BARRO, 2006, p. 231-232)

São citados outros nomes importantes na história, como João Calvino (1509-1564) conhecido como o “teólogo da Reforma” que fundou a Academia de Genebra em 1569 (Hoje Universidade de Genebra), e o Conde Zinzendorf (1700-1760) considerado “o pai das missões modernas” que liderou um grupo de estudantes, que se reunia para estudar a Bíblia, gerando um grande movimento missionário por todo o mundo, e os irmãos Charles e John Wesley, relatados por Samuel Escobar, que com um grupo de estudantes de Oxford se reunia para estudar a Bíblia e buscar um estilo de vida compatível dos seguidores de Jesus, tão simples, mas que levou ao movimento que abalou a Inglaterra e o mundo da época: o metodismo. “Século após século, conclui Escobar, “a história da

igreja tem páginas escritas por homens cuja paixão por Cristo brotou nas aulas da Universidade.” (ESCOBAR, 1978, p. 11).

No Brasil, a maioria das denominações evangélicas tradicionais (Batistas, Presbiterianos, Metodistas, Adventistas entre outros) são conhecidas pela atuação na educação, e ainda a tradição educadora da Igreja Católica, sendo um exemplo os Jesuítas no período colonial, e os Irmãos Maristas, os Salesistas, as Damas Cristãs e outros, significando que o cristianismo demonstra uma forte atuação na educação, e conseqüentemente na geração de cristãos com boa formação religiosa, que ao adentrarem na universidade podem ser testemunhas de Cristo.

Tavares (2004) relata que as instituições religiosas cristãs como a Igreja Católica e as originárias da reforma protestante, estão presentes no processo educacional brasileiro desde a colonização, e sua influência se estendeu durante toda a evolução da educação, até o surgimento e desenvolvimento de cursos superiores e a posterior constituição da universidade brasileira.

A primeira universidade confessional brasileira foi a Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 1946, com prerrogativas de pontifícia, partindo do Instituto Católico de Estudos Superiores, atuante desde 1932. Outras universidades católicas foram surgindo posteriormente em outros locais. A primeira universidade confessional protestante foi a Universidade Presbiteriana Mackenzie, reconhecida em 1952, mantida pelo Instituto Presbiteriano Mackenzie. Em 1976, surge a Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP.

O contexto das instituições de ensino superior nos mostra que o secularismo e o humanismo além do marxismo ateu, dominaram por várias décadas o pensamento acadêmico. Billy Graham (1968) afirmou: “A maioria dos estudantes universitários de hoje professa ter fé em Deus, mas não se trata de fé em um Deus pessoal. Para eles, um Deus pessoal não é importante, não faz diferença. “Haviam outros deuses na vida dos estudantes americanos: a cultura de ser o melhor em tudo demonstrada através das notas altas, a conquista de belas garotas, a habilidade no esporte, ou a rebelião. “como disse um deles, ‘só pelo prazer de rebelar-se”’. (GRAHAM, 1968, p. 58).

Um dos maiores desafios para estudantes universitários cristãos é o bombardeio de conhecimentos e teorias que confrontam os ensinamentos bíblicos. Fontes (2018) afirma que não é somente a questão intelectual, mas outros desafios: “[...] há desafios de natureza variada, os mais fundamentais são de natureza espiritual.” (FONTES, 2018, p. 1).

Uma pesquisa feita em 2006 nos Estados Unidos concluiu que cerca de 58% dos cristãos questionam sua fé após os estudos universitários. Essa conclusão contribui para reforçar algo que costumamos afirmar empiricamente: que a Universidade é um ambiente desafiador para o jovem cristão, no que diz respeito à manutenção de sua fé e vida espiritual. (FONTES, 2018, p. 1)

Há necessidade de o universitário cuidar do coração, inclusive vencendo o orgulho de estar num ambiente onde impera o conhecimento, e lidar com isso não é fácil, pois a Bíblia mostra que o saber ensoberbece (1 Coríntios 8:1). Esse orgulho de conhecer variados aspectos do mundo e da vida pode dar na tendência de sentir suficiência e capacidade para a tomada de decisões, e “...os pais, a Bíblia, a igreja, e tudo o mais que se apresenta como fonte de direção e conselho são deixados de lado e substituídos pelo ‘eu sei’.” (FONTES, 2018)

Menezes (2006) faz uma retrospectiva do movimento estudantil nas universidades, citando Neuza Itioka como uma das precursoras desse movimento, e que no seu livro “Encarnando a Palavra Libertadora” (Editora ABU) fala dos avivamentos espirituais ocorridos na Inglaterra (1860-1880) fruto do trabalho de Charles Simeon (1759-1836) que “fez da Universidade de Cambridge o ‘centro de operação dos evangélicos’ junto aos estudantes dessa Universidade, que atingiu também a Universidade de Oxford. Os frutos foram colhidos numa visita à essas duas instituições de ensino pelo evangelista norte americano Dwight L. Moody, atraindo muitos estudantes, e onde dois atletas famosos, entregaram suas vidas a Jesus, começaram um trabalho evangelístico na universidade e formaram um grupo que causou um grande impacto nos jovens, tendo deixado conforto, fama e glória para serem missionários em outros lugares. E assim, muitos movimentos estudantis chegaram ao Brasil, inspirados pelo

“espírito de Lausanne”, destacando-se a Aliança Bíblica Universitária do Brasil - ABUB gerando encontros e congressos, como o de Curitiba em 1976, que afirmou no Pacto de Curitiba:

Creemos que Deus tem feito surgir nas universidades do Brasil e de toda a América Latina um movimento arraigado na Palavra de Deus, consciente da realidade histórica dentro da qual vive e que está sendo caracterizada pelo desenvolvimento de uma profunda convicção missionária. Agradecemos a Deus porque cremos que a própria geração de discípulos que amam a Jesus e desejam intensamente servi-lo, somente pode ser resultado de sua ação em nossas vidas. Com humildade agradecemos a Deus pelo que foi feito até aqui, reconhecendo o trabalho daqueles que trouxeram o Evangelho às terras latino-americanas e o grande desafio que sua herança evangélica para nós. (MENEZES, 2006, p. 237).

Olhamos para essa declaração dos jovens da ABUB em 1976, e perguntamos: onde está a participação dos nossos estudantes universitários cristãos no viver uma vida compatível com a doutrina de Jesus? E a participação dos docentes cristãos? Reiteramos a necessidade de uma prática da missão integral nos *campi* das universidades brasileiras, começando pela vida profissional, ética e equilibrada dos docentes, que podem servir de modelo da prática da missão integral aos seus alunos, no ambiente acadêmico.

O ambiente do conhecimento científico e materialista, que relega o cristianismo a uma condição de inferioridade, levam o estudante ao medo da exposição, pois o jovem é tentado a ceder ao seu compromisso religioso, e isso deve ser vencido, pois o estudante deve aprender a lidar com a liberdade do ambiente universitário que defende a ampla autonomia ou independência, extremamente perigosa:

O que torna esse terceiro ponto algo ainda mais desafiador é o fato de que a defesa desse tipo de liberdade não se reduz ao discurso, mas se encarna na vida cotidiana de boa parte dos universitários, que abre espaço para uma espécie de curtição irresponsável e sem limites, da qual a prática da sexualidade livre e o uso de drogas legais e ilegais são alguns exemplos.

Muitos jovens cristãos se perdem nessa circunstância, pela dificuldade de equacionar a liberdade desfrutada com o avançar da idade e, muitas vezes, a saída de casa, com essa atmosfera de autonomia estimulada pelo ambiente universitário. (FONTES, 2018, p. 2).

Em contrapartida, tem surgido um aumento da valorização da espiritualidade no século XXI, o que tem despertado os jovens para uma busca de religiões e dos valores espirituais. De acordo com Alvim (2014):

Nota-se, na atualidade, que alunos e docentes que professam ser religiosos estão mais presentes do que nunca nas faculdades e universidades norte-americanas, não só as privadas e/ou confessionais, mas também as públicas, ditas seculares. Muitos deles afirmam ver a sua fé como um importante aspecto de quem eles são como seres humanos. (ALVIM, 2014, p. 3).

A preocupação do autor com essa realidade demonstra a necessidade das faculdades e universidades manterem uma postura observadora sobre o papel da fé no aprendizado, entre as diversas atividades acadêmicas e o engajamento de alunos e docentes com essa prática, pois o contrário seria o equivalente a uma negação de uma importante realidade no âmbito das instituições de ensino superior:

[...] que a religião não só está ressurgindo na prática espiritual privada dos cidadãos, mas que tais práticas também acompanham inúmeros fiéis na exploração das suas empreitadas acadêmicas, ao mesmo passo que vivem as suas identidades religiosas no âmbito público das universidades seculares. " (ALVIM, 2014, p. 3).

Como afirma Alvim (2014, p. 7) observa-se na atualidade um raio de esperança para a religião, o estudo e o aprendizado qualificado como cristão, "...principalmente à luz de novos desenvolvimentos na academia no que diz respeito a um perceptível e renovado compromisso com questões referentes à diversidade e ao multiculturalismo. " Isso pode ser um bom sinal, pois revela uma abertura para a discussão de temas amplos, e o

interesse pela religião. Deuteronômio 10: 17-19 mostra um caminho e tema para ser discutido:

Pois o SENHOR, nosso Deus, está acima de todos os deuses e autoridades [...] Ele trata a todos igualmente e não aceita presentes para torcer a justiça. Ele defende os direitos dos órfãos e das viúvas; ele ama os estrangeiros que vivem entre nós e lhes dá comida e roupa. (BÍBLIA)

Jesus seguiu a mesma filosofia do Antigo Testamento, ensinando desde o Sermão do Monte que os que tem fome e sede de justiça seriam fartos, da justiça, da misericórdia e da fidelidade de Deus. Quando ele fala que somos a luz do mundo, e que essa luz deve brilhar diante dos homens, "... está se referindo a *vidas* que são atraentes por serem cheias de bondade, misericórdia, amor, compaixão e justiça" (WRITH, 2018). Assim, ele está demonstrando que Deus havia chamado Israel para ser luz para as nações, e que: "A luz brilha a partir de pessoas dedicadas à compaixão e à justiça [...] que é atraente em termos missionais (Is 60:1-3). Ela trará pessoas para glorificarem o Deus vivo." É isso que o docente e o discente cristãos podem fazer para praticar a *Missio Dei* no *Campus*.

5. MISSÃO VERSUS PRÁTICA DOCENTE

A Bíblia revela que a educação foi uma forma utilizada por Deus no Antigo Testamento para formar o povo de Israel.

Por muitas gerações, Deus ensinou seu povo — por meio da Torá, dos Salmos e livros da Sabedoria, através de sacerdotes e profetas — ensinando-lhes a verdade sobre Deus, a criação, a humanidade, o pecado, a redenção, a adoração e como viver como povo da aliança em favor da derradeira bênção sobre as nações. (WRIGHT, 2018)

Jesus também foi um professor. Era chamado de "Rabi" ou mestre, e ensinou os seus discípulos continuamente. Da mesma forma, o Apóstolo Paulo dedicou sua vida como missionário a

ensinar às igrejas tanto pessoalmente como por cartas, que eram encorajadoras em momentos difíceis.

E quando não pôde ensinar pessoalmente, Paulo garantiu que isso fosse feito por outros que faziam parte de sua equipe missionária, como Timóteo e Tito. Ou Apolo (da África), que era letrado nas Escrituras, um professor talentoso, que recebeu educação teológica adicional na casa de Priscila e Áquila (na Ásia) e então foi para Corinto (na Europa), onde se envolveu sistematicamente no ensino [...] (WRIGHT, 2018).

Como o docente e o discente cristãos poderão fazer missão no ensino superior? Essa é uma questão polêmica atualmente. Alvim (2014) apresenta um modelo de ensino-aprendizagem que chama a atenção:

Embora haja várias maneiras pelas quais docentes-pesquisadores e discentes cristãos possam conduzir seus trabalhos e projetos, um modelo de ensino-aprendizagem cristão evidentemente influente nos Estados Unidos da América em anos recentes é o conhecido como *the integration model of faith and learning*. (ALVIM, 2014, p. 16)

Esse modelo de integração da fé e o aprendizado, foi uma forma de viabilizar os estudos e pesquisas de docentes e discentes cristãos de forma colaborativa e condizente com a fé e o viver acadêmico, pois os alunos cristãos podiam criticar as premissas do aprendizado moderno quando estavam em desacordo com a verdade cristã, e procuravam descobrir formas para que o aprendizado pudesse reforçar ou aprimorar a verdade da fé.

[...] precisa-se levar em consideração que enquanto a fé nunca é, nem mesmo deve ser, colocada em segundo plano (pois a fé não se trata de um mero ato, mas de um fato sobre a identidade do cristão), como membros legítimos da academia, os estudiosos cristãos podem e necessitam fazer bom uso de todos os recursos disponibilizados por suas disciplinas, sejam esses religiosos ou não, desde que os mesmos não violem preceitos éticos, legais e, especialmente, cristãos. (ALVIM, 2014, p. 16).

Alvim (2014) conclui seu estudo com uma proposta que ele considera “modesta” voltada para a universidade pública americana, mas que é extremamente relevante, podendo ser aplicada ao contexto brasileiro, não somente das instituições públicas, mas nas privadas e confessionais, e por isso importa divulgá-la de forma resumida como um modelo para a missão no *Campus*:

1. “Alunos e professores cristãos não devem temer a sua jornada acadêmica no que diz respeito à inexorável busca da verdade envolvida nas suas atividades educacionais.” (ALVIM, 2014, p. 15)

Os cristãos devem se guiar pela perspectiva da fé, buscando a colaboração de outros cristãos e não cristãos em projetos que visam o aumento do conhecimento do mundo e dos que o habitam.

2. “É importante que docentes e discentes cristãos, quando do exercício de suas atividades acadêmicas, levando-se em consideração suas perspectivas de fé, sejam claros, como quaisquer pesquisadores idôneos, do impacto de suas convicções nas suas atividades acadêmicas, admitindo o modo pelo qual suas propensões e preferências (bem como seus pré-conceitos) informam seus projetos educacionais.” (ALVIM, 2014, p. 15)

O zelo pelo teor intelectual, deve ser maior pelas convicções do cristão de fazer qualquer atividade acadêmica “como para o Senhor” (Cl 3.23) pois todas as atividades do cristão devem revelar o seu testemunho. Fazendo o melhor, os docentes e discentes cristãos dão um testemunho de Cristo, podendo vivenciar uma fé que não precisa ser vista como ameaça aos projetos liberais da academia secular. Ao contrário, tal fé tem o potencial de complementar os projetos desejados pelas faculdades e universidades comprometidas com a democracia e os valores da diversidade e do pensamento humano.

3. “Enquanto a religião aproveita-se de uma maior visibilidade na universidade pública secular norte-americana, análogo à sua reaparição na cultura em geral, os norte-americanos em si ainda são altamente iletrados sobre a religião.” (ALVIM, 2014, p. 16). Por esse motivo, os docentes e discentes cristãos não devem pensar que essa forma de conexão entre a sua fé e as suas atividades

acadêmicas não encontrarão resistência na cultura acadêmica secularizada, e valorizar a oportunidade de articular os pontos de contato entre sua fé e o aprendizado, de forma a demonstrar a sua cosmovisão, o que possibilitará a abertura de linhas de comunicação na academia entre a fé e a razão.

4. "... uma sólida articulação de natureza acadêmica de como a fé de um fiel informa suas atividades educacionais pode também encorajar outros docentes e discentes religiosos a avançarem suas próprias justificações religiosas. " (ALVIM, 2014, p. 16).

Essas justificações de fé, quando são bem fundamentadas academicamente, demonstrando o impacto da cosmovisão religiosa nos indivíduos, poderão servir de testemunho e incentivo a outros estudiosos, particularmente aos que pensam que na academia devem se omitir de suas convicções e posições religiosas nos projetos acadêmicos, ao observarem a necessidade de inserir a fé como elemento essencial, porém sem esquecer que a academia tem outras visões, mas sem abrir mão da fé, como identidade do cristão, e fazendo bom uso dos recursos disponíveis em suas disciplinas (religiosas ou não), e que estejam dentro dos preceitos éticos, legais e cristãos.

Finalizando, Alvim (2014) ainda argumenta que pensar de forma cristã é em essência uma prática filosófica por cultivar o amor pelo aprendizado, e teológica, ao reconhecer que Deus e a sua criação é digno de ser estudado e compreendido, e o acadêmico cristão tem a liberdade de ensinar e de aprender, conforme definida e concordada pelos próprios membros da academia, pois as instituições acadêmicas existem para a transmissão do conhecimento e a busca da verdade, o que permite "...tanto aprender como ensinar com e pela fé." (ALVIM, 2014, p. 16).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou apresentar uma perspectiva de como docentes e discentes cristãos de instituições de ensino superior

podem praticar a *Missio Dei*, prioridade na vida de todo cristão, independente da sua atuação profissional.

A visão moderna de missão tem como foco toda a criação, desde a preservação da natureza, a prática da justiça e do agir pelo social, vendo o indivíduo como imagem de Deus e que deve ser amado, como Deus amou o mundo enviando seu Filho para a redenção da humanidade. O Pacto de Lausanne reforçou o compromisso dos cristãos contemporâneos com a *Missio Dei*, em todos os campos de sua atuação, inclusive a integração espiritual e intelectual. Exemplos como Jonathas Edward e Dietrich Bonhoeffer, revelam uma integração da mente e coração no ensino, cumprindo assim integralmente a *Missio Dei*.

A participação dos cristãos na educação, especialmente em relação ao ensino superior, revela que as mais destacadas universidades na Europa e Estados Unidos foram criadas por denominações cristãs, o mesmo acontecendo aqui no Brasil. No entanto, atualmente estamos perdendo esta geração para a nova moralidade, que tem levado muitos estudantes à dificuldade do viver pela fé, envolvidos pelas idéias e filosofias ateístas.

O fracasso do regime comunista fez surgir uma nova geração com idéias realistas, com ênfase no amor, na justiça social, na preocupação com os marginalizados, e com o sucesso social e profissional em detrimento das questões de fé, mas com o mesmo objetivo: uma sociedade utópica, cuja “tribo” é a classe boa que precisa exterminar a classe má. Nesse contexto, o cristão na academia precisa ser criativo e utilizar os recursos disponíveis para discutir fé e viver a missão, como o modelo sugerido por Alvim (2014) que consegue envolver pesquisadores e alunos em atividades e pesquisas com ênfase no estudo de questões de fé e crença, de forma ética e legal.

Espera-se que este estudo possa servir para que docentes e discentes cristãos sintam a responsabilidade da prática da *Missio Dei* na sua área de atuação, e que estimule outros estudos nessa temática.

REFERÊNCIAS

- ALVIM, Henrique de Godoy. **Aprendendo pela fé:** o estudo e o aprendizado cristão no contexto da academia secular norte-americana. disponível em: <https://www.redemetodista.edu.br/revistas/revistascog-eime/index.php/COGEIME/article/viewFile/125/155>. Acesso em: 13 ago. 2018.
- ESCOBAR, Samuel. **La chispa y la llama:** Breve história de la Comunidad Internacional de Estudiantes Evangélicos em América Latina. Buenos Aires, Argentina: Ediciones Certeza, 1978.
- FONTES, Felipe. **O jovem cristão e a universidade.** Disponível em: <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2018/02/o-jovem-cristao-e-universidade/>. Acesso em 13 ago. 2018.
- GOMES, Joelson. **Os Congregacionais:** uma história da tradição congregacional. João Pessoa: Moura Ramos Gráfica e Editora, 2017.
- GRAHAM, Billy. **Mundo em Chamas.** 2. ed. Especial. Belo Horizonte, MG: Editora Betânia, 1968. Disponível em: <https://gospelfree.com.br/ler/mundo-em-chamas>. Acesso em 16 ago. 2018.
- GRENZ, Stanley J., **Revisioning Evangelical Theology: A Fresh Agenda For The 21st Century,** Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1993.
- KOHL, Manfred W.; BARRO, Antonio Carlos. **Missão Integral Transformadora.** Londrina: Descoberta, 2006.
- HOUSTON, James. **Theological Education as Spiritual Formation.** Introduction to Christian Studies, Vancouver: Regent College, 1985, Fita Cassete.
- LOPES, Fabrício R. de Souza. **Missão Integral:** uma perspectiva teológica da prática do evangelho na vida das igrejas. Disponível em: <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2018/02/o->

jovem-cristao-e-universidade/ da prática do evangelho na vida das igrejas. Acesso em 08 ago. 2018.

MARSDEN, George M., **Jonathan Edwards: A Life**. New Haven: Yale University Press, 2003.

MENEZES, Jonathan. Evangelização no contexto estudantil: o desafio de servir a Deus no *Campus*. In: KOHL, Manfred W.; BARRO, Antonio Carlos. **Missão Integral Transformadora**. Londrina: Descoberta, 2006, p. 225-252.

OLIVA, Alfredo dos Santos. **Missão e missão integral na pós-modernidade**. Faculdade Teológica Sul Americana – FTSA. Londrina, 2006.

PADILLA, René. **O que é missão integral?** Viçosa: Ultimato, 2009.

TAVARES, Sergio Marcus Nogueira. **Governança em universidades confessionais no Brasil: modelo em construção**. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/823/890>. Acesso em 13 ago. 2018.

VENÂNCIO, Norma Braga. A Nova Moralidade: a imposição mundial do pensamento politicamente correto. In - SANTANA, Uziel... [et al]. **Apostasia, Nova Ordem Mundial e Governança Global: uma compreensão cristã do fim dos tempos**. Campina Grande, PB: Visão Cristocêntrica Publicações, 2012, p. 143-174.

WILLIAMS, Brian, The Potter's Rib: Mentoring For Pastoral Formation, Vancouver: Regent College, 2005.

WRIGHT, Cris. **As Cinco Marcas Da Missão**. Disponível em: <https://www.martureo.com.br/missao-integral-e-a-grande-comissao/>. Acesso em 13 ago. 2018.